

Um desfile de opiniões antagônicas

MARIA DO ROSARIO CAETANO

Repórter especial

Hoje, Brasília faz 23 anos. Do **Correio Braziliense**, a cidade ganhou um concerto sinfônico (promoção também do GDF) e um seminário: "O Futuro Político de Brasília".

Ronaldo Junqueira, editor-chefe do CB, declara a neutralidade do jornal na questão da Representação Política no DF, tema de seminário, que durante três manhãs e duas tardes reuniu deputados, senadores, cientistas políticos, líderes sindicais, estudantes, associações de moradores e dirigentes partidários.

O jornal vai continuar neutro, mas de hoje em diante será impossível falar em Representação Política, sem consultar os anais de seu seminário. Afinal, democraticamente, por lá passaram opiniões as mais antagônicas. O senador Murilo Badaró, do PDS, defendeu a velha idéia de que Brasília é uma "cidade especial" e não precisa eleger seus dirigentes, sejam eles vereadores, deputados estaduais, federais, senadores ou governador.

Os peemedebistas, com exceção do senador Mauro Borges, defenderam a representação em todos os níveis. A regional brasileira do partido levou o seminário tão a sério, que chegou a afixar faixas com palavras de ordem nas paredes do confortável auditório da CNTC (Confederação Nacional dos Trabalhadores no Comércio). Através de sua Fundação — a Pedrosa Horta — estudou o assunto e levou bom documento aos debates. A ausência mais notada foi a da Regional do PT (Partido dos Trabalhadores), defensora intransigente da Representação, mas que parece mais envolvida com os problemas do ABC, que com a especificidade brasileira. Cabe indagar aos petistas brasileiros, se a falta de representação política no DF, não faz parte de um todo de muitas faces, onde se misturam desemprego, alto custo de vida, carência de moradias e demais problemas cotidianos?

O PDT (Partido Democrático Trabalhista) esteve presente, embora não tenha levado nenhum estudo ou nova idéia ao encontro. O PDR (Partido Democrático Republicano), ainda desconhecido do eleitorado brasileiro, marcou presença na figura de um agitado representante, que muito falava, mas pouco dizia. O PTB, se compareceu ao auditório da CNTC, nada teve a acrescentar.

Os discursos mais ricos vieram dos cientistas políticos Vamireh Chacon e David Fleisher, ambos da UnB, que puderam, inclusive, num debate, discutir experiências de gestão política desenvolvidas em cidades como Boon e Paris. O desconhecimento destas experiências — os bairros elegem seus prefeitos, que têm no "superprefeito" da cidade, sua figura maior — não possibilitou, ao plenário, o aprofundamento da questão.

É claro que o seminário jogou várias luzes sobre o assunto, mas ainda há muito que se estudar. O jornalista Luis Gutemberg pediu "criatividade". Ele não quer ver aqui o "repeteco" da experiência carioca, que ele qualifica como nefasta.

A expressão mais recorrente no seminário era "Galola de Ouro". A todo momento, um conferencista se reportava à Câmara de Vereadores do Rio de Janeiro, dando-a como algo a ser descartado, evitado.

Afinal, o que, na realidade significou esta "Galola de Ouro"?

Quem não é carioca, tem poucas informações sobre esta experiência. Vamireh Chacon, sem querer ser conclusivo, solicitou um repensar do papel da Câmara de Vereadores carioca, já que ela era de maioria petebista, e a imprensa, que a malhava sem clemência, contava com os afinados articulistas da UDN.

Metaforicamente, a "Galola de Ouro" funcionou como um peso, um modelo negativo, um fantasma que precisa ser exorcizado.

Há muitos temas, aliás, necessitados de aprofundamento. O **Correio Braziliense** possibilitou, com seu seminário, o afloramento de muitas questões ligadas à representação: as mais recorrentes foram a forma de representação (Câmara de Vereadores? Assembleia Legislativa? Representação na Câmara? No Senado?) e o gradualismo (devem vir todas de uma vez? Ou devem começar, segundo proposta de Epitácio Cafeteira, com a eleição de três senadores candangos?).

Para arrematar vale dizer que, depois do seminário do **Correio**, o tema da Representação Política ganhou consistência, já que reuniu subsídios vindos de pessoas que pregam idéias diferentes. E vale recorrer a Pompeu de Sousa (quem sabe um de nossos futuros senadores) e a seu grito de alerta: Brasília é a única capital de países propugnadores de representação popular, que não tem direito a voto. Washington, que lhe fazia companhia, já elege alguns representantes e a partir de 1984, atingirá sua normalidade representativa. Brasília, está claro, não quer ser detentora de triste apostrofo: "única capital cassada do planeta".